

# A saúde persecutória: à espera dos riscômetros portáteis

Persecutory health: waiting for portable riskometers

La salud persecutoria: esperando los 'riesgômetros' portátiles

Luis David Castiel<sup>1</sup>  
Maria Cristina Rodrigues Guillam<sup>2</sup>

O pensamento paranóide vem se constituindo sinal representativo de nossos tempos (Innerarity, 2004). Ao operar com a categoria 'risco', obrigatoriamente estamos entrando no espaço futurológico da probabilidade, mas, de certa forma, também, no da paranóia. Assim, algo pode se presentificar, conforme a postulação de determinados valores, obtidos mediante cálculos em estudos com técnicas criadas para esta finalidade. Mas, por suas próprias características virtuais, não possuímos garantias sólidas que isto venha a ocorrer. Indivíduos estão sob risco, mesmo que não apresentem sinais evidentes de adoecimento, mas, por indícios nem sempre muito claros, gerados pelos dispositivos médicos de prospecção e vigilância disponíveis. A mensagem é: ameaças nos rondam e devemos estar atentos a isto. Precisamos nos orientar cada vez mais por critérios de biossegurança.

Por um lado, temos a proposta objetivante erigida pelos estudos empíricos populacionais, cujos resultados geram os níveis de risco conforme as diversas possibilidades de exposição. Por outro, temos o indivíduo que desconhece se sua exposição irá, no futuro, ter um desfecho dicotômico - inoportuno ou não. Entramos, assim, no interior de um domínio imaginário propício a cogitações que podem assumir um caráter, digamos, 'semidelirante', pois (ainda) carecem de fundamento - no sentido de firmeza, uma vez que seu 'fundamento' primordial é quase simultaneamente especulativo e elucubrativo.

Em outras palavras, estamos lidando com feixes de dimensões subjetivas que se constroem a partir de um discurso racional, mas que, por não se caracterizarem pela certeza e consistência, não proporcionam segurança e, muito menos, tranquilidade. Pelo contrário, somos obrigados a lidar constantemente com uma atmosfera conspiratória, um terreno muito fértil ao desenvolvimento de pensamentos persecutórios, onde a suspeita pode se renovar a qualquer momento.

---

<sup>1</sup> Pesquisador, departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ. <castiel@ensp.fiocruz.br>

<sup>2</sup> Pesquisadora, Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Ensp/Fiocruz. <guillam@ensp.fiocruz.br>

<sup>1</sup> Ensp/Fiocruz  
Rua Leopoldo Bulhões, 1480, sala 802  
Rio de Janeiro, RJ  
21.041-210

Além disto, há uma nova 'moralidade' de mercado – ou seja, uma forma de regulação que impele indivíduos a afastarem-se dos princípios morais, como virtude, bem, honestidade etc., socialmente vigentes em períodos de pré-globalização, e seguirem padrões e formas de sentir, pensar e atuar sob a égide de alta competitividade, que marca o âmbito laboral, e de busca individualista de satisfação.

No campo das condutas saudáveis em saúde, há situações em que os fatores regulatórios não demandam o emprego de mecanismos como os que envolvem os potencialmente dolorosos sentimentos de culpa. De certa forma, é possível apelar-se para um eventual componente da culpa, menos intenso e mais transitório, que costuma acompanhar o senso de ridículo – o sentimento de vergonha (o prolapado 'mico' que assola os adolescentes).

Neste sentido, a obesidade e as muitas chacotas que, em geral, ridicularizam os que as sofrem, servem de exemplo a esta tese. Obesos podem, conforme as contingências, sentir as pressões e os constrangimentos que suas aparências podem provocar. Há, também, transtornos referidos à imagem corporal, nos quais o sentimento de vergonha é predominante. Assim, aqui não se trata tanto do mecanismo de 'culpar a vítima', mas, como nos referimos anteriormente, do de 'constranger os envergonháveis'. Apesar das indiscutíveis razões de prevenção a enfermidades decorrentes do tabagismo, em alguns contextos, a inibição a este hábito parece envolver a geração desse tipo de sentimento.

Além disto, da mesma forma que Bauman (2005) tece uma crítica ao alcance preditivo da demografia, podemos também fazê-la à epidemiologia. As predições epidemiológicas refletem, também, o espírito anímico da época mais do que a capacidade de descrever os desígnios do futuro. Neste sentido, estão bem mais próximas (do que gostariam) de narrativas proféticas do que de padrões prospectivos que se autorizam como verazes, com o aval da cientificidade. A epidemiologia é um campo de conhecimentos necessários para o âmbito das análises e intervenções sanitárias. Mas está longe de ser suficiente, como, por vezes, parece se arvorar a assumir tal papel.

Como disciplina empiricista, não consegue proporcionar entendimentos satisfatórios (nem assume sua fragilidade neste sentido) diante da complexa dinâmica entre a situação de saúde de pessoas/populações e as aceleradas mudanças socioculturais e subjetivas (que tendem a ser categorizadas de modo demasiadamente simplificador sob a égide das 'variáveis psicossociais'), uma vez que estas últimas se mostram ainda limitadamente inteligíveis. Enfim, os discursos sobre o risco atual indicam a ambivalência da época em várias facetas. Uma delas reflete a insegurança emocional tardo-moderna, ao mesmo tempo que aponta para o primado (de certa forma, mítico) das certezas veiculadas pelos dispositivos racionais da ciência moderna (Reith, 2004).

Uma das formas de pensar as atuais práticas de prevenção aos riscos é o fato de que visam à produção do indivíduo 'autor de sua própria saúde' e, por isto, devotado a merecer o prêmio da longevidade saudável. Esta é a figura gerada pela 'nova saúde pública', que enfatiza certas práticas nas quais o bem supremo é o prolongamento da vida em termos estritos de longevidade, de preferência, com o máximo de conforto possível, conforme as circunstâncias da vida se apresentem e seus bolsos permitam adquirir.

Diante da proliferação *hightech* que nos acossa de modo inclemente, uma pergunta não quer calar. Será que, com os avanços dos conhecimentos tecnocientíficos, epidemiológicos e genômicos, para fazer companhia aos tecnobjetos portáteis que fazem parte de nosso cotidiano, será que, algum dia, teremos algum tipo de 'riscômetro' portátil (quem sabe, podem chamar-se *I-riskpod*, mimetizando o onipresente *I-pod*)? Mais um novo instrumento 'essencial' para a nossa autogestão que, mimetizando os

informes meteorológicos, seria capaz de nos proporcionar constantemente boletins periódicos e individualizados conforme nossas variáveis relativas à gestão de estilo de vida, a dimensões genéticas e constantes biológicas sumarizadas computadorizadamente, e capaz de gerar uma previsão contábil constante de nossos riscos. Assim, é possível que, em pouco tempo, talvez, a partir das megainvestigações epidemio-genômicas que estudam o papel dos genes, do ambiente e do estilo de vida nos problemas de saúde, surgirá algo parecido a riscômetros portáteis, que contabilizarão os débitos e ganhos de cada um na gestão cotidiana de riscos em busca da longevidade. Até porque já existem aqueles que estão disponíveis *on line*, como os que aparecem em portais da internet ([www.youfirst.com](http://www.youfirst.com)).

#### Referências

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**: la modernidad y sus párias. Barcelona: Paidós, 2005.

INNERARITY, D. **La sociedad invisible**. Madrid: Espasa Calpe, 2004.

REITH, G. Uncertain times: the notion of 'risk' and the development of modernity. **Time Soc.**, v.13, n.2/3, p.383-402, 2004.

Recebido em 08/01/07. Aprovado em 17/01/07.